

**HIPERTEXTO E LEITURA:
RELAÇÕES NEM SEMPRE HARMONIOSAS**

Priscila Figueiredo da Mata (UEMS)
priscilafdmata@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)
natanielgomes@uol.com.br

– ***Introdução***

O presente artigo visa diagnosticar as relações entre o hipertexto e a leitura, valendo-se, para tanto, da revisão bibliográfica.

Inicialmente é apresentada a história do texto, traçando sua trajetória desde as formas mais rudimentares até culminar no hipertexto.

Na sequência é abordada a questão da retextualização no processo de escrita e interpretação, oportunidade em que é debatida a importância de se fazer um processo de cognição ao se transmutar a ordem falada para a escrita.

Por fim, é apresentada com mais ênfase a questão do hipertexto e a influência desse novo gênero de texto no leitor da atualidade.

– ***A história do texto: das origens ao hipertexto***

Para entender a história do texto é importante pontuar algumas questões atinentes às linguagens oral e escrita, já que ele é uma das ferramentas da linguagem escrita, que por sua vez, surge de forma ulterior à oral, conforme se passa a expor.

Posterior à linguagem falada, a linguagem escrita passa por alguns fatores até culminar nos contornos atuais. Far-se-á, portanto, um breve retrospecto da mesma, até se chegar ao hipertexto, que é um desdobramento do texto tradicional.

Para a sociedade oral era imprescindível o estreitamento físico entre os interlocutores, já que não havia ainda um sistema equivalente ao da escrita, em que a mensagem ficava gravada em uma superfície, dispensando o contato entre os comunicantes. Se, de outro vértice, uma mensagem fosse intermediada por um terceiro, era mister que este memorizasse o que lhe foi confiado, o que é algo tormentoso, pois dificilmente uma

mensagem transmitida de uma pessoa a outra, na forma verbal, irá chegar ao destinatário final na forma originalmente construída.

A origem da linguagem escrita sinalizou que havia uma necessidade premente de uma autonomia na relação entre emissor e receptor. O que antes dependia basicamente de um processo de memorização, agora seria eternizado através do manuscrito.

Em uma fase primária, a linguagem escrita não tinha tanta complexidade, podendo resumir-se a imagens e símbolos (que não deixam de ser um texto, mas texto não verbal). Com o passar do tempo e a criação do alfabeto, esta linguagem amplia-se, tomando novos sentidos. O que era antes apenas um sistema de imagens torna-se um grande tecido de argumentos, o chamado texto verbal escrito.

A difusão em larga escala do texto se dá através da criação da imprensa. A partir desse fato histórico, o texto alça voos mais altos, já que doravante, são superadas em muito, as barreiras geográficas que limitavam a expansão de uma ideia compreendida em uma folha de papel.

Superada a questão da evolução do texto, desde sua fase mais elementar até à difusão via imprensa, cumpre apresentar uma definição do termo.

Segundo Santos e Silva (2012) “A palavra texto vem do latim *textum* que significa tecido, entrelaçamento. O texto seria então o resultado de uma combinação perfeita de “fios” (orações) tendo como resultado uma costura (texto propriamente dito)”.

As autoras acima citadas afirmam que, em que pese a doutrina entender que é difícil apresentar uma definição de texto, estudos apontam que, para que uma cadeia de enunciados seja caracterizada como tal, faz-se necessário que haja uma conexão entre os verbetes usados, conferindo-lhes coerência.

Na esteira do entendimento acima esposado, o texto não pode ser qualificado como tanto se apresentar mero conjunto de frases. Isso porque é a concatenação das ideias através da utilização de conectivos que torna uma sequência de enunciados um texto.

Ao longo do tempo o texto foi sofrendo evoluções, mormente com relação à questão da linearidade. Primariamente, o texto era designado

como uma cadeia sequencial e contínua de imagens e escrita. A ideia de uma produção textual “hiperlinkada”⁵⁶ era, se não inexistente, parca.

Pouco a pouco, com o aumento da virtualização, a democratização do acesso à informática, bem como a onda verde consubstanciada nas campanhas ecológicas pela sustentabilidade, ou seja, o uso e consumo conscientes das tecnologias de forma a causar menor dano ao meio ambiente, a cultura do papel vai cedendo espaço para o texto digital. Alça-se, assim, um novo passo na história da língua: o texto exibido na tela de um computador.

Diante de toda essa mudança social, o texto não poderia ficar relegado ao antigo formato. É nesse contexto que surge o hipertexto, cujo parâmetro é fazer com que a linearidade ceda espaço para a não linearidade, para fins de suprir a uma necessidade latente do novel modelo de leitores, que é a velocidade da informação.

O hipertexto avança à medida que progride a Tecnologia da Informação e Comunicação. Presente na vida da sociedade hodierna a necessidade de velocidade na obtenção da informação, o hipertexto surge como uma ferramenta basilar para tal intento, já que este proporciona com maestria uma interconexão das comunicações.

O redirecionamento de uma informação a outra, produzido pelo hipertexto, aumenta as possibilidades de se fazer um giro pelos mais variados pontos de vista. Ao se conectar a um hiperlink, o leitor passa a dispor de outro tipo de informação, que pode complementar uma ideia abordada no texto originalmente analisado. Sendo assim, a possibilidade de se deparar com os mais variados entendimentos aumenta consideravelmente.

– ***A questão da retextualização no processo de escrita e interpretação***

A retextualização é um processo em que ocorre a migração de

⁵⁶ Produções hiperlinkadas são caracterizadas pela descontinuidade, mobilidade e acesso imediato a outras fontes. Diversamente do texto linear, onde prevalece a formalidade do começo, meio e fim, o texto que se vale de hiperlinks tem o aspecto da não linearidade como agente norteador. Essa forma de produção textual pode ser compreendida como uma árvore da qual emanam vários ramos, que proporcionam o acesso às mais variadas fontes de consulta.

uma forma de comunicação para outra. A obra de Marcuschi (2010) trabalha a questão da retextualização no contexto de transformação da linguagem falada para a escrita, e é nessa vertente que, inicialmente se abordará a questão.

Um aspecto importante a se destacar quando se vai desenvolver um trabalho acerca de retextualização é que não se deve sobrepor a linguagem escrita em detrimento da falada, pois ao elaborar uma sentença oral o indivíduo se vale minimamente da estrutura necessária para que haja a comunicação. Assim, ponderações que tratam a escrita superior à fala devem ser desconsideradas.

Nesse sentido, devem-se evitar argumentos que tratam a retextualização como a passagem de um texto desorganizado (fala) para um organizado (escrito). Aliás, ao tratar da questão, Marcuschi diz que:

Em hipótese alguma se trata de propor a passagem de um texto supostamente “descontrolado e caótico” (o texto falado) para outro “controlado e bem-formado” (o texto escrito).

Fique claro, desde já, que o *texto oral está em ordem* na sua formação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada. Portanto, *a passagem da fala para a escrita não é a passagem do caos para a ordem: é a passagem de uma ordem para outra ordem.* (MARCUSCHI, 2010, p. 47)

A lição de Marcuschi (2010) coloca em xeque argumentos tendenciosos, que pugnam taxar a oralidade como caótica e, portanto, necessitada de uma ordem que lhe confira certo grau de organização. Destarte, ao contrário do que o senso comum propõe, ao se efetuar a passagem da fala para a escrita, não se está deixando para trás uma linguagem desconexa e se criando uma linguagem organizada. Na verdade, a retextualização é passagem da ordem falada para a escrita, com as adaptações necessárias para a compreensão, como quando se faz um relatório baseado em um discurso oral, ou quando se passa para o papel uma entrevista falada.

Até o momento foi apresentada a retextualização enquanto passagem da linguagem oral para a escrita em geral. A partir de agora, será trabalhada de forma mais específica a transmutação de uma forma verbal para a linguagem virtual.

É cediço que atualmente os sistemas de informação impressa vêm ganhando uma concorrente de peso: a mídia eletrônica. A possibilidade de se criar uma teia de informações interconectadas, imagens e sons torna

o texto virtual um organismo de comunicação bastante atrativo. Destarte, é comum deparar-se com indivíduos que substituem a assinatura de uma revista ou jornal impresso por um exemplar eletrônico.

Nesse cenário de crescente utilização da mídia eletrônica, exsurge o debate sobre a retextualização no texto virtual destinado à mídia.

Independentemente da finalidade (escolar, jornalística ou científica) e de qual o suporte irá ser usado para reproduzi-la (impresso ou eletrônico), a atividade de retextualização exige do autor um trabalho cognitivo.

Quando se trata de uma exposição oral que será redirecionada ao campo virtual e destinada à apreciação da massa, esse cuidado para que haja um escoamento encadeamento de ideias e uma exposição escrita em conformidade com o texto original deve ser ainda maior.

A importância de se firmar uma atenção redobrada na retextualização nos textos que serão alocados em mídias eletrônicas, está no fato de que a dimensão da informação lançada na rede é bastante acentuada.

Para tratar a questão de uma forma mais esclarecedora será apresentado um caso verídico, citado na obra de Marcuschi (2010, p. 70), onde uma retextualização foi mal sucedida.

Nunca me reconheci tão pouco em uma entrevista. Nunca abominei tanto um discurso colocado por terceiros em minha boca. Um pequeno e bom exemplo desse procedimento: o entrevistador me perguntou se eu já tivera relações homossexuais. A resposta foi um sucinto “não”. Resposta publicada: “Nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança”. Essa espécie de “adorno” às declarações com fantasias e fetiches do entrevistador se tornou procedimento usual na edição da matéria de uma forma geral.

O relato acima citado trata-se de uma declaração do cantor Arnaldo Antunes, na qual ele repudia uma frase a ele creditada, que foi publicada por um jornalista que lhe entrevistou. Conforme narra o cantor, a fusão de duas respostas concedidas na entrevista ocasionou uma distorção de sua fala.

A fim de replicar o protesto do cantor, o autor da frase que gerou tal polêmica lançou nota com a seguinte explicação, inclusive grifando o destaque que gostaria de enfatizar:

A primeira passagem da entrevista mencionada por Arnaldo Antunes, logo no início de seu texto, foi a da homossexualidade. Ele diz: “O entrevistador me perguntou se eu já tivera relações homossexuais. A resposta foi um sucinto ‘não’. Resposta publicada: ‘Nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu

era criança’.” (...) Arnaldo Antunes mente, como comprova a fita número 4 da entrevista. Pergunta: “Você já teve transa homossexual?”. Resposta: “Não, nunca”. Pergunta: “Nem quando criança, troca-troca?”. Resposta: “Não, nem criança...”. *Com o aval da concordância expressa do entrevistado e em nome da concisão, as duas perguntas foram fundidas em uma só. Não há nisso nenhum mistério nem ato condenável.* (Grifo nosso) (MARCUSCHI, 2010, p. 70-1)

Na situação citada acima, houve um desconforto ao cantor após esse se deparar com a publicação da entrevista concedida (deturpada, na sua visão), pelo fato de, segundo seu argumento, o entrevistador ter adornado sua fala.

O caso em exame revela com clareza quão problemático se torna um texto quando o trabalho de retextualização não passa por um crivo acurado. É muito tormentosa a relação que se estabelece entre o texto original (falado) com a versão final (retextualização), quando não há um escoreito processamento daquilo que se ouve e uma fidedigna passagem para a forma escrita.

Alie-se, agora, à caótica transmutação de uma ordem para outra o fator velocidade, contido nas mídias virtuais. Nessa situação, o que já era algo acentuadamente problemático torna-se uma avalanche.

Especificamente tratando do caso de Arnaldo Antunes, a fusão de uma resposta a outra deu um novo sentido à resposta do entrevistado (causando embaraço). Não há informações se a malfadada entrevista foi lançada na rede, mas com certeza, se o foi, a proporção do desagrado do cantor maximiza-se, já que a velocidade de difusão de uma informação no meio eletrônico é muito maior que a de um texto impresso.

Outro ponto a se destacar é acerca da interpretação daquilo que foi retextualizado. O caso sublinhado acima demonstra que na concepção de Arnaldo Antunes, ao unificar duas respostas suas, o jornalista laborou com erro, pois deu um novo sentido à sua construção falada. O entrevistador, por seu turno, afirmou com convicção em sede de réplica, que seu trabalho de fusão tão somente serviu para tornar mais abreviada a entrevista, não tendo concorrido para qualquer prejuízo à fala do cantor.

Cada parte em um polo da polêmica, cantor e entrevistador demonstram claramente o quanto deve ser cautelosa a retextualização quando se leva em conta quão delicada é a questão da interpretação.

Tendo em mente que o processo de interpretação é algo bastante peculiar de cada indivíduo, o autor que se propõe a transmutar um texto

oral em escrito fará com muito mais zelo e acuidade, minorando a possibilidade de interpretações díspares.

Do exposto se deduz que se não houver um trabalho cognitivo acurado na fase de confecção do discurso escrito (germinado de um texto oral), o autor tem grandes chances de ser impertinente em sua retextualização ou não se fazer compreender tal como deveria.

– ***O hipertexto e leitura***

Vejamos a seguir, a definição de um tipo de texto que tem se tornado muito recorrente na era virtual: o hipertexto. Nas palavras de Xavier (2010, p. 208) “Por hipertexto, entendo uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem, que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e condiciona à sua superfície formas outras de textualidade”.

Como se observa do trecho acima, para Xavier o hipertexto é uma forma de linguagem. O autor aborda o termo como algo complexo, que acopla interconexões e dá ensejo a diversas formas de textualidade.

As ponderações ditadas pelo autor em apreço são relevantes, mormente quando se leva em consideração o perfil basilar do hipertexto, que é a sua ramificação. Assim, em um texto desta espécie, o leitor se depara com um número grande de possibilidades através de acesso via *link*, que será abordado oportunamente.

O hipertexto é uma forma de texto em que há uma interligação de informações proporcionada por hiperlinks, que exercem, por sua vez, o papel de redirecionar uma página da internet à outra.

Com a finalidade de ilustrar a assertiva anterior, segue um exemplo apreendido de site que utiliza em larga escala o hipertexto.

Como se observa da imagem abaixo existe uma série de palavras sublinhadas em azul. Essa linha disposta abaixo da palavra em um texto virtual é o chamado *link*, que para Cavalcante (2010, p. 199) é justamente o elemento que torna um texto tradicional hiper.

Acessível a um clique, o *link* faz o trabalho de transmutar uma página da internet àquela que irá tratar de conceituar a palavra sublinhada. Daí a referência de “ramificação” trazida anteriormente, para se remeter a hipertexto. Segue o exemplo:

The screenshot shows the Portuguese Wikipedia page for 'Hipertexto'. The browser address bar displays 'pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto'. The page title is 'Hipertexto' with the subtitle 'Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.' The main text defines 'Hipertexto' as a term referring to a text in digital format, where links aggregate other information. It mentions the origin of the term by Ted Nelson in 1960 and the influence of Roland Barthes. A table of contents is visible, listing 11 sections: 1 Etimologia, 2 História, 3 Principais características do Hipertexto, 4 Hipertexto e Internet, 5 Hipertexto e Educação, 6 Hipertexto e Jornalismo, 7 Conferências Acadêmicas, 8 Ver também, 9 Bibliografia, 10 Referências, and 11 Ligações externas. Below the table of contents is the 'Etimologia' section, which explains the prefix 'hiper-' (from Greek 'ὑπερ-', 'supra') and the suffix '-texto' (from Latin 'textus', 'text'), meaning a text that goes beyond linearity. The page footer shows the date '17/09/2012'.

(Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Hipertexto>. Acesso em 17.09.2012)

The screenshot shows the Portuguese Wikipedia page for 'Digital'. The browser address bar displays 'pt.wikipedia.org/wiki/Digital'. The page title is 'Digital' with the subtitle 'Origem: Wikipédia, a enciclopédia livre.' The main text defines 'Digital' as a system of devices for transmission, processing, or storage of digital signals. It contrasts digital systems with analog systems. A note indicates that for other meanings, see 'Digital (desambiguação)'. A 'Referências' section lists a book by Teozi R. 2005. Below the references is a 'Avaliar esta página' (Rate this page) box with a star rating system for 'Credibilidade', 'Imparcialidade', 'Profundidade', and 'Redação'. The category 'Tecnologia digital' is listed at the bottom. The page footer shows the date '17/09/2012'.

(Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Digital>. Acesso em 17.09.2012)

Depreende-se da colagem acima, que o redirecionamento via *link*, de uma página da internet primariamente consultada a outra, não implica em uma restrição de uso dessa ferramenta de transporte online, ou seja, o fato de ter-se usado um *link* em um texto não exclui sua utilização no outro a ele conectado. Dessa forma, um texto “hiperlinkado” dá origem a outro com a mesma característica e assim sucessivamente.

Essa cadeia de informações oportunizada pelo link além de dar uma nova roupagem ao texto, tornando-o hiper, gera um leitor diferente do texto impresso tradicional.

O leitor que se busca na era do hipertexto é aquele que consegue distinguir, em um texto “hiperlinkado”, aquilo que é ou não relevante para sua análise; é aquele que pode aferir se o redirecionamento oferecido por um *link* está ou não na conformidade dos objetivos traçados em sua pesquisa.

Essa complexa biblioteca virtual consubstanciada na ideia de inserção de *links*, fomenta uma questão que necessita ser identificada e trabalhada por esse novo modelo de leitores, que é leitura e construção de sentidos em um hipertexto.

A arquitetura de um hipertexto objetiva ligar um bloco de informações a outro.

Conforme Cavalcante (2010, p. 200), essas ligações, denominadas nós, “(...) não necessitam estabelecer uma relação sêmica entre si, isto é, as ligações possíveis não formam necessariamente a tessitura daquele texto específico, mas promovem a abertura para outros textos, mas nunca qualquer texto.”

Como se denota da exposição supra, a característica nuclear do hipertexto é a conexão de uma rede de informações a outra (o chamado nó). Observa-se ainda que o objetivo desse nó não é restringir uma pesquisa, muito pelo contrário, seu intento basilar é alargar uma discussão, trazendo à baila um leque de possibilidades de pesquisa dentro de um mesmo hipertexto.

Diante dessa realidade em que as discussões são alargadas e não há uma demarcação expressa que cinda um debate e outro, cabe ao leitor estabelecer essa fronteira entre o que é ou não pertinente para a compreensão daquela leitura permeada por *links*.

Tratando ainda do novo leitor no contexto do hipertexto, vale des-

tacar o entendimento esposado por Xavier (2010, p. 210):

O hipertexto concretiza a possibilidade de tornar seu usuário um leitor inserido nas principais discussões em curso no mundo ou, se preferir, fazê-lo adquirir apenas uma visão geral das grandes questões do ser humano na atualidade. Certamente, o hipertexto exige do seu usuário muito mais que mera decodificação das palavras que flutuam sobre a realidade imediata. Aliás, qualquer leitura proficiente de um texto impresso tradicional leva sempre um leitor a lançar mão de seus conhecimentos enciclopédicos. Toda leitura cobra do leitor um intenso esforço de atos inferenciais, preenchimentos de lacunas e interstícios deixados pelo autor, até porque o texto, em qualquer superfície, não pode dizer tudo, por motivos óbvios de falta de espaço e obediência às regras do próprio jogo que constitui as linguagens.

A nota acima revela que o hipertexto gera uma nova visão para as leituras em geral, na qual o leitor é levado às mais variadas discussões da atualidade. Contudo, para que isso ocorra de forma satisfatória, a tecnologia usada a serviço do novo leitor exige deste uma contraprestação, qual seja, sua constante atualização e esforço em compreender esse mundo virtual.

Como exposto no excerto acima, todo o tipo de leitura exige a colaboração do leitor no sentido deste se posicionar como elemento aferidor de eventuais lacunas. Quando se trata de hipertexto, essa atividade do leitor é mais acentuada, haja vista que se ele não souber lidar com as construções tidas em um texto dessa natureza, os redirecionamentos dados pelo acesso aos *links* lhe trarão muito mais percalços do que proveitos.

Em razão da cisão no fluxo de leitura, os *links* podem desempenhar o papel de reiterar uma ideia através do redirecionamento a uma página que complementa a questão abordada, ou podem pintar um quadro onde existe certa condução ideológica por parte do autor (casos em que o autor articula os *links* de forma a unificar uma questão originariamente segmentada) (Pereira, 2008).

O primeiro caso, ou seja, da ratificação de ideias, mostra um lado bastante positivo do hipertexto. Todavia, o segundo caso, que é o da condução ideológica, revela um aspecto preocupante dessa forma de texto, que é tomar por verdadeiras certas ligações entre informações que não passam de mero juízo de valor do autor.

Diante dessa possibilidade de se ter um texto conectado a outro de forma errônea, surge a preocupação em se ter leitores atentos a essas situações que surgem no contexto digital.

Por fim, a relevância de se debater o tema “hipertexto e leitura” se

explica pelo fato de estar-se diante de uma sociedade tecnológica, onde ao mesmo tempo em que há um acesso quase irrestrito da informação, deflagram-se sentenças sem verossimilhança comprovada.

– **Conclusão**

Diante dos pontos levantados nesse artigo conclui-se que o hipertexto é um novo gênero de texto que trouxe consigo algumas necessidades de adaptação ao novo leitor, que passou a ler de forma diferente, comparando-se ao que se fazia no passado. Nesse sentido, criou um verdadeiro universo de possibilidades, quase infinitas.

Ao se deparar com um texto permeado de hiperlinks, o leitor deve ter bem claro quais são os objetivos de sua pesquisa, para que, dessa forma, faça uma seleção de quais informações são necessárias para atingir seu intento e não se perca diante de tudo que pode ser lido e acessado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTE, Marianne Carvalho Bezerra. *Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto*. In: MARCHUSCHI, Luiz Antônio. XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais, novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

MARCHUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita, atividades de retextualização*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

PEREIRA, Sílvia Maria Pinheiro Bonini. *A análise do discurso na linguagem hipertextual*. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/xiicnlf/11/01.pdf>>. Acesso em: 10-09-2012.

SANTOS, Graciela Silva Jacinto Lopes dos; SILVA, Solimar Patriota. *Produção textual: Concepção de texto, gêneros textuais e ensino*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xvi_cnlf/tomo_1/096.pdf>. Acesso em: 10-09-2012.

XAVIER, Antonio Carlos. *Leitura e hipertexto*. In: MARCHUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Orgs.). *Hipertexto e gêneros digitais, novas formas de construção de sentido*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010.